

TV INES: comunicação inclusiva para a cultura surda no ciberespaço¹

Iara Alves dos SANTOS²

Luciellen Souza LIMA³

Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB

Resumo

Através de um estudo de caso, este artigo destaca a representação da cultura surda, que não é contemplada com um conteúdo inclusivo nos suportes de comunicação da grande mídia tradicional e percebe um modelo acessível para se manter informada através da TV INES, que é um canal de televisão na internet. Essas afirmativas são influenciadas e constatadas a partir do aumento do consumo de internet no Brasil. No país, a população passa, em média, cinco horas por dia conectada à internet. Tempo maior do que o destinado à televisão, confirmado como o principal meio usado para obter informações pela sociedade brasileira. Diante dos avanços tecnológicos, o ciberespaço se constitui como um espaço democrático, de fácil produção e veiculação de conteúdo.

Palavras-chave: Ciberespaço; cultura surda; web TV; TV INES.

Introdução

Ao passo em que a sociedade se desenvolve, a tecnologia evolui. É cada vez mais comum e até necessário que se viva em rede, o que para CEBRIÁN (1999, p. 37) representa a integração efetiva do mundo imaginário, atribuído por ele, como ciberespaço e ao real, ao qual nós vivemos. E para isso que isso aconteça, todos dispõem de inúmeros dispositivos que conectados à internet viabilizam e facilitam uma gama de possibilidades de se comunicar.

Alguns estudiosos pesquisam as implicações negativas que existem no ciberespaço, que é um espaço aberto, propiciador de uma comunicação em tempo real estabelecida através de conexão à internet e, o comportamento de quem nele navega. Mesmo com pontos negativos, podemos destacar vários pontos positivos sobre ele. Portanto, este artigo se direciona para uma das principais qualidades do meio digital: a democratização do espaço.

¹Trabalho apresentado no IJ 5 – Rádio, TV e Internet do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

²Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo da UEPB, email: iara.alves1@outlook.com

³Orientadora do trabalho. Mestre pelo programa de Pós-graduação em Jornalismo da UFPB, email: luciellenlima@hotmail.com

Nesse contexto, ressaltamos a voz dada para a cultura surda, não contemplada pelo conteúdo produzido e veiculado por meio da grande mídia tradicional do país, seja através de entretenimento ou informação. A partir disso, registramos que disseminar material através da *web* é algo de baixo custo, rápido e fácil. O ciberespaço, portanto, se constitui, a partir da prerrogativa de um espaço democrático a todos.

Essas mudanças geram uma re-configuração no campo da comunicação tencionando o modelo vigente [...] no qual apenas um seria responsável pela comunicação. Alguns estudos atuais denominam esse fenômeno como a “liberação do pólo emissor” [...] que é caracterizado pela mudança do modelo de comunicação realizado um-para-muitos para o formato muito-para-muitos. [...] O termo “liberação” pode gerar uma compreensão parcial do fato abordado, pois as grandes empresas de comunicação dominam a maior parte da informação que circula no mundo, no entanto, é mais apropriado definir esse novo processo como uma “democratização do pólo emissor”. (LEMOS, 2005 apud BARROS, 2007, p. 4 2007).

Através de um estudo de caso identificamos que a TV INES, diante das afirmativas acima, se estabelece como um canal que comunica e representa a cultura surda, que em outros veículos de comunicação não encontra representatividade. Os membros desse grupo encontram obstáculos para se comunicar em todas as instâncias sociais e apontam o *closed caption* (legenda oculta) dos aparelhos de televisão como um deles. Destacamos também direitos que estão sendo conquistados ao longo do tempo, a exemplo do reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como forma de expressão dos surdos.

O canal de televisão hospedado na internet explora as características digitais na promoção de um processo de comunicação acessível a surdos e ouvintes. Ela é a primeira TV bilíngue do Brasil, pois dissemina vídeos em LIBRAS e ainda com legenda e narração em Língua Portuguesa, para que a programação seja alcançada também pelos ouvintes.

Investigamos até que ponto os recursos deliberados por lei são úteis para os surdos na promoção da acessibilidade, que a eles deveria ser garantida. Para comprovarmos a problemática que estudamos e apontar medidas que promovam uma comunicação inclusiva para a cultura surda, entrevistamos um surdo, que respondeu aos nossos questionamentos em Libras e com a ajuda de uma intérprete da Língua Brasileira de Sinais, transcreveu as respostas para a Língua Portuguesa. Além disso, a gerente da TV INES, objeto de pesquisa neste trabalho, foi consultada para entendermos como se dá o processo de produção em um canal de comunicação que se propõe a produzir conteúdo acessível para o público surdo.

Ao analisarmos definições sobre a web TV e compararmos esse meio de comunicação aos demais suportes, temos o objetivo de demonstrar através de um exemplo

prático, a possibilidade de se fazer uma comunicação inclusiva para a comunidade surda, que contemple as necessidades desse grupo.

Ciberespaço: características e democratização do ambiente digital

O consumo de internet no Brasil cresce em larga escala a cada ano. A afirmativa é comprovada através de dados divulgados pela Pesquisa Brasileira de Mídia 2015, encomendada pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (SECOM) e realizada através de entrevistas pelo Instituto Brasileiro de Opinião e Estatística (IBOPE). O estudo revela que 48% dos brasileiros, usuários das novas mídias, estão conectados durante um tempo médio de 4h59min diariamente. Esse período é maior do que a audiência da televisão, a mídia mais popular nos lares brasileiros, que de acordo com a mesma pesquisa, é assistida por 95% dos entrevistados por 4h31 ao dia. Ainda segundo a consulta que busca informações sobre os hábitos de consumo de mídias pela população brasileira, o percentual do uso da internet no país cresceu 26% em relação ao ano anterior.

Estar conectado não se resume apenas à utilização de mídias digitais e ao uso de ferramentas que viabilizem tal ação. Os usuários das novas mídias estão imersos em um ambiente constituído por elementos identitários e próprios do universo digital: o ciberespaço, que dispõe de algumas definições.

Lévy (2008) conceitua o ciberespaço como:

[...] o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos [...]. Insisto na codificação digital, pois ela condiciona o caráter plástico, fluido, calculável com precisão e tratável em tempo real, hipertextual, interativo e resumindo, virtual da informação que é, parece-me, a marca distintiva do ciberespaço. (LÉVY, 2008, p. 92).

Lemos (2010) trata além dos conceitos, as implicações do ciberespaço no contexto social.

O termo ciberespaço aparece quotidianamente na imprensa e nas discussões sobre as novas tecnologias da informação. Temos uma idéia do ciberespaço como o conjunto de redes de telecomunicações criadas como o processo digital de circulação de informações. [...] Toda a economia, a cultura, o saber, a política do século XXI, vão passar (e já estão passando) por um processo de negociação,

distorção, apropriação a partir da na nova dimensão espaço-temporal de comunicação e informação planetárias que é o ciberespaço. (LEMOS, 2010, p. 127).

O ciberespaço destaca-se por ser um agente de transformações sociais, devido ao meio democrático que estabelece (LÉVY, 2008). Navegado por milhões de usuários do mundo inteiro, ele promove um ambiente acessível de sociabilidade, que supera a distância geográfica. Além disso, propicia a produção e a veiculação de conteúdo facilitado, com baixo custo e de alcance largo e rápido.

Para Lévy, “a perspectiva da digitalização geral das informações provavelmente tornará o ciberespaço o principal canal de comunicação e suporte de memória da humanidade.” (LÉVY, 2008, p. 93). Ele estabelece três princípios que orientam o crescimento do ciberespaço: a interconexão, a criação de comunidades virtuais e a inteligência coletiva. A interconexão articula um coletivo de ligações sociais. Na criação de comunidades virtuais se fia um novo espaço social, em que a democracia prevalece. E a inteligência coletiva explora os conceitos técnicos oferecidos pelo ciberespaço com a finalidade de aproximação do imaginário coletivo (LÉVY, 2008).

Diante das constatações sobre o ciberespaço, a internet se constitui como um elemento essencial de diálogo em rede. “A internet é a espinha dorsal da comunicação global mediada por computadores: é a rede que liga a maior parte das redes” (CASTELLS, 2011, p. 431). Redes formadas, segundo (CASTELLS, 2011) por um novo sistema de comunicação, ligado ao universo digital, capaz de moldar identidades e novos comportamentos. Nesse sentido, o autor percebe que a *web* se coloca como um instrumento fundamental em uma perspectiva de virtualização da realidade social e modifica o clássico cenário de uma comunicação de massa, estabelecida anteriormente, por diferentes hábitos e suportes que tecem a comunicabilidade.

Gradativamente as barreiras entre os suportes de comunicação tradicionais e as mídias digitais estão acabando. Ao passo em que prova a sua efetividade no cotidiano social, a internet se apropria de inúmeras funções, se tornando a base de relações de trabalho, pessoais e de instituições sociais como política e religião (CASTELLS, 2011). Dotada em recursos e alicerçada em princípios democráticos, ela possibilita a inserção, inclusão e disseminação de novas culturas ou de minorias que não ocupam espaços notáveis na grande mídia, em que se tece um universo isonômico no que diz respeito à possibilidade de representação.

A convergência tecnológica que atualmente multiplica as combinações de formatos, linguagens e estéticas, nas diversas telas, abre novos cenários e possibilidades que, por sua vez, contribuem para facilitar outros modos de interação comunicativa às suas audiências [...] [e] as audiências vão deixando de ser apenas isso e vão se tornando usuárias, produtoras e emissoras, uma vez que a interatividade que as novas telas possibilitam ultrapassa a mera interação simbólica entre elas, para situar as audiências [...] como possíveis criadoras de seus próprios referentes e não apenas recriadoras simbólicas de significados ou interpretações dos referentes produzidos e emitidos por outros através dessas telas. (GOMÉZ, 2009, p. 183-184 apud PALACIOS, 2014, p. 94).

A cultura surda, estudada nesta pesquisa, foi contemplada com a ascensão dos aparatos digitais. Os membros dela perceberam na interface da *web* e na evolução dos dispositivos digitais, características facilitadoras para o seu processo de comunicabilidade. O que pode ser exemplificado pelo uso de aplicativos que possibilitam a troca de mensagens de texto que simplifica a comunicação entre surdos e ouvintes e as vídeo chamadas, opção de diálogo para quem fala Libras e a Língua Portuguesa. Bem como a representação de suas identidades através deste meio, uma vez que não se sentem representados pelos meios tradicionais de comunicação, por não produzirem conteúdo acessível para surdos, o que já é possível através da personalização característica do ciberespaço.

Web TV: conceito, comparações e efetividade junto ao público alvo

A transição dos métodos e dos meios de comunicação de massa tradicionais para um sistema organizado em redes de comunicação via internet, implicou em uma multiplicidade de padrões de comunicabilidade e em transformações culturais relevantes. Ao passo em que a virtualidade se converte em um aspecto essencial da realidade, a web é uma forma cada vez mais comum para acesso à informação, cultura e entretenimento. Ela está mudando, inclusive, a maneira de se produzir e veicular a televisão. (CASTELLS, 2011).

Se apropriando dos novos hábitos de consumo viabilizados no ciberespaço, um meio de comunicação explora as características do ambiente digital e de seu caráter democrático: a web TV, que é um canal de televisão existente no meio virtual (SOUZA, 2013). Com características que vão de encontro ao modelo da TV tradicional, veiculado através de um monitor de televisão analógico ou digital, a web TV pode ser assistida em diferentes telas (computador, tablet, celular).

Em resumo, a nova mídia determina uma audiência segmentada, diferenciada [...]. A audiência visada tende a escolher suas mensagens, assim aprofundando a sua segmentação, intensificando o relacionamento individual entre o emissor e o receptor. (CASTELLS, 2011, p. 424).

A transmissão da Web TV é possibilitada através da tecnologia streaming (que utiliza redes para o armazenamento de vídeos, oportuniza uma conexão rápida a eles e permite o acesso por diferentes telas), que possibilita a veiculação de vídeos gravados, que podem ser assistidos a qualquer momento tendo em vista o caráter de arquivo e também, em tempo real. Ambas alternativas são viabilizadas através da internet. “Para propósitos práticos, as redes digitais disponibilizam espaço virtualmente ilimitado para ao armazenamento de informação que pode ser produzida, recuperada, associada e colocada à disposição dos públicos alvos visados.” (PALACIOS, 2014, p. 95).

As novas tecnologias, portanto, estão impulsionando o progresso de espaços sociais de realidade virtual que ajustam sociabilidade e descobertas. É nesse sentido que a TV INES trabalha. O canal produz e veicula conteúdo para surdos e ouvintes se apropriando de características facilitadoras proporcionadas pelo ambiente digital.

Cultura surda: obstáculos, conquistas e representatividade

Para entendermos a cultura surda, devemos compreendê-la a partir da admissão da pluralidade e como algo passível de mudanças e adaptações.

[...] a cultura é a herança que o grupo social transmite a seus membros através de aprendizagem e de convivência, percebe-se que cada geração e sujeito também contribuem para ampliá-la e modificá-la. (STROBEL, 2008, p. 17).

Podemos ainda estender o conceito de cultura através da descrição de Hall (1997), que a percebe por meio de uma capacidade de enxergar, de questionar, de interpretar, de compor e de assimilar o meio em que se vive e convive. (HALL, 1997 apud STROBEL, 2008, p. 17).

No entanto, é preciso levarmos em conta que “[...] a alteridade e a diferença são vistas como mancha para a sociedade, fazendo com que tenham a necessidade de transformação ‘do outro’, [...], moldando os sujeitos para serem iguais [...]” (STROBELL,

2008, p. 16). E quem, portanto, não se encaixa em padrões de semelhança, se torna alvo fácil de exclusão social.

Segundo dados divulgados pelo último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no ano de 2010, cerca de 9,7 milhões de brasileiros são deficientes auditivos, no entanto vamos segregar os surdos da condição de deficiência e utilizar o termo “surdo” para designá-los, a partir da constatação de que compõem e representam a cultura surda e suas identidades.

Diante desse contexto, STROBELL se refere à cultura surda como:

[...] o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de se torná-lo acessível e habitável ajustando-os com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos de povo surdo. (STROBEL, 2008, p. 24).

O universo surdo, porém, é dificilmente absorvido pelos ouvintes. Diante da padronização cultural, acredita-se que os surdos devem se integrar a cultura ouvinte. Se isso não acontece, eles são excluídos da sociedade em vários âmbitos, como outras camadas da população que não se adequam ao estereótipo de “normal” da sociedade que estabelece a necessidade de ouvir e falar para efetivar a comunicação entre pessoas. Para os surdos, entretanto, o importante “[...] é o pertencimento ao grupo usando a língua de sinais e a cultura surda que ajudam a definir as suas identidades surdas.” (STROBEL, 2008, p. 24).

É fundamental discutirmos também sobre as comunidades surdas, em que os surdos convivem com indivíduos ouvintes, a exemplo da família, amigos e do ambiente escolar. Na maioria das vezes essas pessoas não estão preparadas para o convívio com os surdos, inclusive porque falta interesse por parte dos ouvintes nessa integração e em adquirir conhecimento sobre esse povo.

Os surdos sofrem também, uma imposição da cultura ouvinte. Para que exista convívio entre as culturas, não é necessário que os surdos pratiquem as mesmas ações que constituem a cultura ouvinte. Alguns surdos, inclusive, não têm conhecimento da cultura surda por não serem estimulados desde a infância, sendo parte de uma família que não tem o interesse nesse reconhecimento identitário. A partir disso, eles enxergam uma maneira mais fácil de inclusão social, abandonando o seu próprio reconhecimento cultural e dificultando o seu relacionamento com o mundo.

Um instrumento que os surdos possuem e que gera acesso à vida em sociedade é a Língua Brasileira de Sinais (Libras). A Lei 10.436, que reconhece a Libras, foi sancionada no dia 24 de abril de 2002. Uma língua que é falada em gestos e possui uma estrutura gramatical própria. Cresce entre surdos e ouvintes o uso da dessa língua reconhecida como meio legal de comunicação e expressão. Ela se estabelece, portanto, como uma ferramenta de valorização das identidades da cultura surda.

[...] no encontro do surdo com outro surdo que também usa a língua de sinais se faz brotar novas probabilidades de subjetividades, de compartilhar a cultura, de aquisição de conhecimentos, que não são plausíveis por meio da língua oral da cultura ouvinte. Nota-se que dessa forma a identidade está relacionada tanto aos discursos produzidos quanto à natureza das relações sociais [...]. Por isto a preferência de surdos em se relacionar com seus semelhantes fortalece sua identidade e lhes traz segurança, é no contato com seus semelhantes que eles se identificam com os outros surdos e encontram relatos e problemas e histórias semelhantes às suas. (STROBELL, 2008, p. 89-97).

Os surdos formam um grupo cultural minoritário e que precisa de um novo olhar dos ouvintes sobre a surdez. De modo que possam ser identificados diante das características, pelas quais se expressam. Em meio a uma política de inclusão social e de luta por direitos, o surdo é percebido pela sociedade ouvinte que tenta recepcioná-lo adequadamente, ainda que políticas públicas na área deixem a desejar. Essa introdução deve acontecer em todos os âmbitos sociais para que, de fato, exista.

Lei da Acessibilidade: A não contemplação dos surdos pela legenda oculta (*closed caption*)

Para que os surdos pudessem ter acesso à informação, a Lei Nº 10.098, do dia 19 de dezembro de 2000, chamada Lei da Acessibilidade, em seu artigo 52, dispôs sobre a seguinte implicação para a televisão brasileira: a subtítuloção através de legenda oculta.

A legenda oculta, conhecida também como *closed caption*, representada pela sigla CC, modo pelo qual está configurada nos controles remotos dos aparelhos de televisão do país, é um método de transmissão de legendas através da televisão e foi regulamentada em 2006. A norma exige uma implementação gradativa da legenda na programação brasileira para que alcance vinte quatro horas de exibição e esteja presente em toda programação.

Como já observamos, o intuito da lei foi de promover acessibilidade aos surdos diante do conteúdo exibido na programação da televisão brasileira. No entanto, a efetividade desse artifício é questionável. Ele realmente é um instrumento de inclusão? Assistindo a programação da televisão brasileira em diferentes emissoras, durante uma semana, constatamos que o referido método não contempla as necessidades dos surdos e que o acompanhamento do que é exposto pela legenda é de difícil entendimento até para os ouvintes.

O profissional chamado estenotipista ouve e transcreve todo o áudio de determinado programa em tempo real através de códigos decifrados por um sistema próprio. Na maioria das vezes a legenda é exibida com um atraso significativo, em que as transcrições dos áudios são exibidos em momentos posteriores às imagens, dificultando o entendimento pela não associação de ilustrações e textos (entendidos como áudios para ouvintes), sendo difícil a contextualização do conteúdo.

Além do atraso na transmissão do *closed caption*, percebemos que a legenda é veiculada de forma muito rápida, o que complica o acompanhamento do conteúdo. A ocorrência de texto sem sentido e escrito gramaticalmente errado é grande, tornando quase que incompreensível a comunicação entre o emissor e receptor surdo da programação televisiva.

Daniilo Alexandre Meira de Araújo tem 33 anos e é surdo. Ele contou que, de modo geral, consegue acompanhar o *closed caption* unindo a legenda com as imagens, mas que quando a legenda é exposta sem sentido, confusa como ele definiu, sente dificuldade em entender o que assiste. Ele informou ainda que a janela de Libras, utilizada em alguns programas é um recurso mais efetivo na comunicação para o surdo, justificando que quando o conteúdo é ilustrado ou interpretado ele se sente satisfeito enquanto telespectador. Daniel ainda garantiu que a internet consegue atingir a comunidade surda de modo mais eficaz.

TV INES: comunicação acessível que integra o público surdo e ouvinte

A associação de Comunicação Educativa Roquette-Pinto (Acerp) pesquisava formatos concretos para efetivação de conteúdo com acessibilidade. A partir dessa necessidade, consultou o Instituto Nacional de Educação de Surdos (Ines), que já produzia material com a promoção de inclusão em Libras. Através dessa parceria, surgiu a ideia e a

oportunidade de criar uma web TV com programação em libras: a TV INES, com sede na cidade do Rio de Janeiro.

A TV INES foi pioneira ao comunicar por meio da Língua Brasileira de Sinais (Libras), com legendas e locução. Também foi a primeira TV bilíngue do país, com a finalidade de que o surdo com a sua família, que pode ser composta completamente por ouvintes, possam acompanhar a programação juntos. É dessa maneira, que o canal se estabelece como um espaço privilegiado para os membros da cultura surda e media a percepção de mundo entre surdos e ouvintes. Exemplificamos o trabalho do canal através da imagem 1 do programa Café com Pimenta, que está logo abaixo:

Imagem 1:



http://tvines.com.br/?page_id=1387

Como a lei que reconhece a Libras foi sancionada no dia 24 de abril de 2002, a TV INES também estreou em um dia 24 de abril, só que no ano de 2013. O objetivo foi de reforçar o vínculo que existe entre a obtenção legal de um direito, que significa um largo passo à expressão surda, e o êxito de conseguir transmitir aos surdos um canal de comunicação efetivo na promoção da inclusão e de acessibilidade.

A gerente da TV INES, Joana Fonseca Peregrino, explicou que os conteúdos produzidos e exibidos pelo suporte de comunicação são definidos pelo Ines. Ela também destacou que a montagem das equipes de trabalho, constituídas por profissionais de televisão surdos e ouvintes, tradutores intérpretes e profissionais do Instituto Nacional de Educação de Surdos, é realizada de acordo com o reconhecimento sobre a experiência deles

na área do audiovisual. Ela contou ainda que os apresentadores dos programas são obrigatoriamente surdos e que o fluxo de trabalho da TV é totalmente bilíngue, intercalado por Libras e Língua Portuguesa durante toda a cadeia de produção.

Toda programação produzida pelo canal está disponível no site tvines.com.br, 24 horas por dia. Ela pode ser assistida ao vivo ou de acordo com a demanda do público em celulares, tablets e televisões conectadas à internet (diferentes telas para o acesso de um mesmo conteúdo). A programação da TV INES é variada e oferece conteúdo focado em comunicação educativa de qualidade para diferentes públicos de todas as faixas etárias.

Temáticas que acolhem informações sobre cultura, entretenimento, tecnologia e esporte são tratadas pela TV INES. Além disso, o canal na *web* ainda disponibiliza documentários, aulas de Libras, revistas eletrônicas, filmes com legendas descritivas e um *talk show* (programa em que uma pessoa ou um grupo delas debatem temas sugeridos pelo apresentador) em Libras.

Destacamos a programação infantil da TV INES que veicula desenhos animados da mesma maneira que os outros vídeos: em Libras, com legenda e narração. Algo de grande valor para uma criança surda, que também não se sente contemplada pela programação da mídia tradicional, que ainda não entende a Língua Portuguesa e a partir das animações é incluída na própria cultura no começo de sua vida, como é natural que aconteça de uma maneira lúdica. Joana Fonseca Peregrino registra que o meio de comunicação se compromete em oferecer entretenimento também aos mais novos através das animações. Segue abaixo na imagem 2, exemplos de alguns programas destinados ao público infantil veiculados pela TV INES.

Imagem 2:



<http://tvines.com.br/?s=desenhos>

Além de assistir a todos os vídeos produzidos e exibidos pelo canal, o usuário também pode criar e enviar vídeos, colaborando com a grade de programação. Para enviar um vídeo à TV INES é preciso ser maior de idade, ter publicado o conteúdo no You Tube, preencher todos os campos do formulário disponibilizado (que solicita dados pessoais do autor) e concordar com os termos de licença autoral, também dispostos no portal. O material pode ser feito, inclusive, através de dispositivos móveis como o celular, filmadoras e câmeras não profissionais, desde que tenham som e imagem de boa qualidade. A partir disso é avaliado se o vídeo possui uma temática relevante para o surdo, se aprovado, o autor é avisado pelo e-mail que informou durante a inscrição.

Também no site os usuários podem interagir com a TV INES, analisar os programas exibidos e comentar sobre o que foi publicado. A interatividade ganha ainda mais força diante das redes sociais presentes nos aplicativos Instagram, Facebook, Twitter e You Tube.

O portal também oferece o jogo Aula de libras quiz. Ele é vinculado ao Facebook e testa o conhecimento em Libras do jogador, que responde as rodadas de perguntas e compete com amigos da referida rede social. Cada rodada é composta por uma série de 10 perguntas e respostas. Uma rodada desbloqueia a outra, seguindo uma ordem, e o jogo vai ficando mais difícil.

Em três anos de existência a TV INES já colheu muitos frutos como os prêmios OI, SET e de Direitos Humanos na Categoria de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Mesmo diante dessas conquistas, o canal faz questão de evidenciar que o melhor é poder alcançar o público com a promoção de uma comunicação acessível. Com os resultados quantificados, a emissora produziu um vídeo de agradecimento ao público, no ano de 2016. Ele está exposto abaixo deste parágrafo na imagem 3 e celebra: 1.136.490 milhão de visitas no portal, por 5.321.914 milhões de minutos de transmissão online, por mais de 14.360 mil de downloads de aplicativo, por quase um milhão de visualizações de vídeos por demanda e pelas vinte mil curtidas e interações no Facebook.

Imagem 3:



<http://tvines.com.br/>

Para Danilo Alexandre, que é surdo, a TV INES ajuda a comunidade surda a se manter informada de fatos, que através de emissoras de televisão convencional não seria possível. Já que por não existir ações inclusivas, não promove uma compreensão clara, para ele, do que é exibido.

Joana Fonseca Peregrino também expôs os planos para o futuro da TV INES: um programa infantil apresentado por crianças surdas e um jornal semanal apresentado por surdos em que serão contextualizadas as principais notícias da semana. Ela garantiu que os dois programas estrearão ainda em 2016.

Considerações finais

Não é fácil viver em um mundo que tem dificuldade em reconhecer e conviver com identidades e culturas diferentes das que se pertence. Essa é uma das faces da realidade dos surdos do nosso país, que não têm as suas necessidades atendidas, desde políticas públicas que promovam uma sociedade mais inclusiva até um modelo de comunicação que não possui ações de inclusão pela mídia tradicional do Brasil.

Alternativas existem. Elas começam a ser exploradas e ganham força ao decorrer da do desenvolvimento tecnológico. A tecnologia, por sua vez, tem um papel fundamental na conquista de um processo de comunicabilidade que esteja ao alcance de todos. O

ciberespaço, ambiente democrático para produção e veiculação de conteúdo de amplo alcance, é o cenário para boas iniciativas como a TV INES.

Pensando em comunicar a todos, a TV INES se preocupa não só com a produção de conteúdo para surdos, como ocorre na mídia tradicional, só que com os ouvintes. Ela inclui em sua programação a possibilidade de audiência para os ouvintes. O canal de vídeos vai além, promove disseminação de conteúdo bilíngue em Libras e em Língua Portuguesa, de uma das formas mais ecléticas que podemos assistir, para que atenda aos dois públicos.

Para os surdos, constatamos através de entrevista, que o modelo utilizado para a TV INES é totalmente eficaz. Fator que entendemos ser possibilitado pelo fato da equipe de profissionais que a compõe ser formada por jornalistas surdos e ouvintes, ou seja, o material produzido é feito por quem vive e entende a necessidade do público, criando empatia no que é disseminado. No entanto, como ouvintes consideramos as narrações dos vídeos lentas, embora não exista dificuldade de compreensão do material veiculado, mas após ouvir é necessário esperarmos a comunicação em Libras para que se passe ao próximo passo do conteúdo.

Como resultado desta pesquisa, afirmamos que a TV INES vai além de um modelo de comunicação capitalista que exclui determinadas camadas da sociedade. E que, de fato, produz um conteúdo inclusivo para a cultura surda, atendendo a todos os pleitos de seus membros, ao mesmo tempo, que explora os recursos digitais, muito bem aproveitados, na veiculação de material com linguagem e representatividade de surdos e ouvintes.

Referências

BARROS, F. **Produção e edição colaborativa na internet**: o caso Overmundo, 2008. Disponível em: <<http://www.uff.br/ciberlegenda/artigofilipebarrosfinal.pdf>>. Acesso em 29 de mai. 2016.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo. Ed. Paz e Terra, 2011.

CEBRIÁN, J, R. **A rede**: como nossas vidas serão transformadas pelos novos meios de comunicação. São Paulo. Ed. Summus, 1999.

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?tema=censodemog2010_defic>. Acesso em 23 de abr. 2016.

LEMOS, A. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre. Ed. Sulina, 2010.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 2008.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: Ed. 34, 2008.

PALACIOS, M. Memória: Jornalismo, memória e história da era digital. In: CANAVILHAS, João (org). **Webjornalismo**: 7 características que marcam a diferença. Covilhã. Ed. LabCom Livros, 2014.

PALÁCIO do Planalto. Brasília, 2000. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Decreto/D5296.htm>. Acesso em 21 de abr. 2016.

PESQUISA brasileira de mídia 2015 – Hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>>. Acesso em: 25 de abr. 2016.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

SOUSA, R. **WEB TV**: o futuro da televisão está na internet, 2013. Disponível em:
<<http://www.tecmundo.com.br/web/47182-web-tv-o-futuro-da-televisao-esta-na-internet.htm>>. Acesso em 30 de mai. 2016.

TV INES. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <http://tvines.com.br/?page_id=33>. Acesso em: 21 de mai. 2016.